



A DINASTIA FLAVIANA SOB A PERSPECTIVA DE SUETÔNIO EM “A VIDA DOS DOZE CÉSARES” (SÉCULO II D.C.)

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.3417

André Luiz Leme, UNIOSTE

Resumo

Obra singular, “A Vida dos Doze Césares”, de Caio Suetônio Tranquilo (69 – após 122 d.C.), contempla a narrativa de vida de importantes personagens da Roma dos séculos I a.C. e I d.C., dentre os quais se incluem Júlio César, Octaviano Augusto, Cláudio e Vespasiano. Com base em uma análise dessas biografias, nós historiadores podemos refletir a respeito das características do contexto de produção da obra, a saber, inícios do século II d.C., época marcada pela transição entre os imperadores Trajano (53 – 117 d.C.) e Adriano (76 – 138 d.C.). No presente artigo propomos realizar uma interpretação crítica e reflexão a respeito das biografias de Vespasiano (17 – 79 d.C.), Tito (39 – 81 d.C.) e Domiciano (51 – 96 d.C.), a chamada dinastia Flaviana, esta que se manteve à frente do Império Romano de 69 a 96 d.C. Embora considere a política de Vespasiano e tenha se lamentado pelo pouco tempo de governo de Tito, Suetônio não poupou críticas a Domiciano, ressaltando especialmente o seu descontrole, autoritarismo e desejo pelo poder absoluto. Nesse sentido, nos perguntamos: quais motivos teriam levado Suetônio a destacar tal juízo em sua construção biográfica? Acreditamos que o autor, ao propor sua leitura da história, ao indicar os vícios e as virtudes no comportamento dos líderes do passado, buscava argumentos para não apenas compreender, mas discutir e interferir nos rumos da política romana à época da ascensão de Adriano, em 117 d.C. Este imperador, ao olhos de Suetônio, seria avaliado pelo crivo da tradição ancestral romana.

Palavras Chave:

Suetônio; A Vida dos Doze Césares, Imperador Adriano; Biografia; Roma Antiga.

No desenvolvimento de sua escrita em **A Vida dos Doze Césares**, ao construir o retrato biográfico de doze dos mais ilustres personagens romanos do período entre os séculos I a.C. e I d.C., Caio Suetônio Tranquilo (69 – após 122 d.C.) transpareceu a subjetividade de seu pensamento político, demonstrando-se alinhado aos referenciais morais do grupo senatorial.

Equestre, Suetônio participou da administração pública romana entre os séculos I e II d.C., atuando nos principados de Trajano (53 – 117 d.C.) e Adriano (76 – 138 d.C.). Sua obra, publicada entre os anos 117 e 122 d.C., torna-se uma fonte histórica para o estudo desse período. Reveladora, podemos sugerir, do clima político à época, momento em que ocorreu a ascensão ao poder do príncipe Adriano, governante do Império Romano entre os anos de 117 e 138 d.C.

Invariavelmente, através da obra de Suetônio, o passado é projetado em direção ao presente. Ou seja, a partir da crítica, da avaliação moral do autor em relação aos personagens biografados, podemos subentender o que ele estava aprovando ou criticando em relação ao seu próprio tempo, às circunstâncias políticas vividas por ele em inícios do século II d.C. Os exemplos do passado, positivos e negativos, tornam-se como referenciais sobre o certo e o errado.

Como exercício dentro dessa reflexão, propomos no presente artigo um trabalho de interpretação e análise das vidas de Vespasiano, Tito e Domiciano. Ou seja, da dinastia Flaviana, que ascende ao poder em 69 d.C. Buscaremos as principais características desses personagens segundo o autor, avaliando as possíveis intenções de Suetônio por meio de seu escrito¹.

¹ Como edição da fonte, utilizaremos o volume 2 da obra Suetonius (1998). As citações foram abreviadas no corpo do texto, indicando a biografia utilizada.

Logo ao começo da narrativa biográfica, Suetônio propõe algumas considerações gerais a respeito do novo momento vivido pelo Principado Romano, pós-ascensão de Vespasiano. De acordo com o autor, o Império, instável por conta da usurpação e morte violenta de três príncipes², acabara, enfim, assumido e levado à estabilidade pelos Flávios³; esta família, complementa Suetônio, ainda que apresentasse uma origem certamente obscura e não contasse com antepassados dos mais gloriosos, não teria proporcionado à República motivo algum de queixa; embora, nota o autor, fosse de conhecimento geral que Domiciano sofrera um justo castigo por toda a sua avareza e crueldade (Ves. I, 1). Pois bem, como verificamos nesse início do texto, Suetônio antecipa sua consideração positiva em relação à Vespasiano, destacando que sua chegada ao poder colocara um fim aos diversos conflitos do período anterior; trata-se de uma alusão à guerra civil do período anterior. Ademais, a referência em relação à Domiciano, o último “César” biografado, destaca o exemplo negativo que este personagem terá na construção biográfica.

Inicialmente, a respeito de Vespasiano, Suetônio apresenta alguns dados sobre a carreira política do personagem ao longo do século I d.C., marcada por sucessos militares. Sem

² Nesse caso, Galba, Otão e Vitélio.

³ Alusão ao governo de Vespasiano e seus filhos, Tito e Domiciano. Conforme Pierre Grimal (1993, p.93), “Tornou-se desde logo evidente que os deuses não haviam designado apenas um homem, mas toda uma família, a que formavam Vespasiano e os dois filhos [...] O princípio da hereditariedade permanecia vivo na mentalidade romana. A noção de família era essencial, tanto no direito como na religião doméstica. Assegurava, durante perto de um século, o poder aos Júlio-Claudianos, devido ao laço místico que os unia ao deus Augusto. Galba adota o jovem Pisão antes de o associar ao seu poder. Pareceu natural que Vespasiano ascendesse ao Império em nome da sua raça e fundasse, por sua vez, uma dinastia sacra”.

tardar, logo destaca o momento de sua ascensão ao principado romano. De acordo com autor, Vespasiano, observando a disputa pelo poder entre Otão e Vitélio, teria começado a alimentar esperanças de também alcançar o Principado; expectativa, aliás, que se apoiava em diversos presságios, os quais lhe indicavam o Império (Ves. V, 1). Sabino, o avô de Vespasiano, animado com os prenúncios, teria inclusive afirmado que seu neto havia nascido “destinado a converter-se em César”; de fato, conforme Suetônio, também não teriam faltado aqueles que, através dos mais variados augúrios, interpretavam que, em determinado dia, a República, pisoteada e abandonada em consequência de uma revolta civil, se encontraria baixo a tutela e liderança de Vespasiano (Ves. V, 2-3).

No entanto, segundo o autor, Vespasiano não teria assumido qualquer iniciativa, apesar de toda a imensa disposição dos seus seguidores (Ves. VI, 1). Tal situação mudou quando, de modo decisivo, ele acabou por receber o apoio do prefeito do Egito, o qual conduziu suas legiões a jurarem fidelidade ao general romano⁴; em seguida, o exército da Judéia agiu no mesmo sentido. De acordo com Suetônio, esse movimento teria sido favorecido pela divulgação da cópia de uma carta, verdadeira ou falsa: nela, Otão, dirigindo-se então a Vespasiano, solicitava que este o vingasse e que, depressa, agisse em defesa da República (Ves. VI, 3-4). Na sequência dos eventos, ocorre a guerra civil. As forças de Vespasiano derrotaram

as tropas de Vitélio em Cremona; este foi assassinado em Roma (Ves. VII, 1). Segundo o autor, devido ao inesperado de sua ascensão, Vespasiano carecia de autoridade e de certa majestade; no entanto, não teria demorado muito para que ambas lhe fossem consagradas (Ves. VII, 2). Vespasiano, assim, regressou a Roma, coberto de grande prestígio e reputação; no governo, acrescentou um total de oito consulados ao que havia cumprido anteriormente; assumiu também a censura e, durante todo o Principado, seu principal interesse teria sido devolver a estabilidade à República, abatida e vacilante naquele tempo, para imediatamente, na sequência, engrandecê-la (Ves. VIII, 1).

Pois bem, Suetônio não poupou exemplos em sua narrativa das várias melhorias empreendidas por Vespasiano à época. No que se refere às reformas de Vespasiano no âmbito social, Suetônio apresenta um diagnóstico da situação: as duas ordens mais importantes da República, à época, estavam minguadas, devido ao assassinato de vários dos seus membros, e também muito contaminadas, por conta de uma prolongada negligência. Vespasiano, diante disso, teria purificado e completado ambas, removendo aqueles mais indignos e admitindo nelas todos os personagens mais honoráveis da Itália e das províncias (Ves. IX, 2).

Quanto à administração do Império, Suetônio comenta que Vespasiano teria agido no sentido de normalizar a situação, especialmente no que diz respeito à prática da justiça, interrompida e abarrotada (Ves. X, 1); e também no que se refere ao controle da libertinagem e do luxo, excessivos à época (Ves. XI, 1). Quanto aos outros assuntos, Vespasiano, do começo ao fim de seu Principado, teria se demonstrado clemente e de uma simplicidade republicana, sem desejos de honra externa; inclusive, Vespasiano recusou-se a aceitar o poder tribunício e o título de

⁴ Como destaca Gonzalo Bravo (1998, p.511), Vespasiano “contaba al menos con el apoyo de siete legiones y varios gobernadores provinciales, entre ellos el prefecto de Egipto [...] Pero si contar con el apoyo de Egipto (granero de Roma) era importante para cualquier tentativa de poder, en las actuales circunstancias resultaba decisivo el apoyo de los ejércitos provinciales, dado que la rivalidade planteada entre Vitelio y Vespasiano sólo podía resolverse mediante una confrontación militar”.

Pai da Pátria, senão depois de algum tempo (Ves. XII, 1).

Vespasiano, continua o autor, teria suportado com extrema condescendência as diversas liberdades a que se permitiam os seus amigos, as alusões dos advogados e a insolência dos filósofos; procurava não censurar a ninguém abertamente (Ves. XIII, 1). Vespasiano não seria de modo algum um homem rancoroso ou propenso a vingar ofensas ou inimizades; inclusive, teria casado, e com uma bela cerimônia, a filha de seu inimigo Vitélio, atribuindo-lhe um dote. Vespasiano, portanto, estaria longe de causar a ruína de qualquer pessoa, seja por suspeita ou temor (Ves. XIV, 1). Reforçando essa ideia, Suetônio afirma que não se poderia encontrar uma única pessoa no mundo, inocente, que tivesse sido castigada por Vespasiano, a não ser quando o próprio estivesse ausente, ou não fosse de seu conhecimento, ou mesmo por simples engano; ademais, Vespasiano nunca teria se alegrado de ordenar a morte de qualquer indivíduo, e inclusive derramava lágrimas e se lamentava nas condenações justificadas (Ves. XV, 1).

Suetônio comenta que Vespasiano poderia ser acusado, justamente, de apenas um único vício: a avareza; ele teria, de fato, restaurado e introduzido novos impostos, aumentando os tributos das províncias (Ves. XVI, 1). Na sequência, contudo, Suetônio alivia essa culpa: Vespasiano, no que parece mais verossímil para o autor, teria agido com tamanha avidez muito mais por necessidade, diante da extrema escassez do erário e do fisco (Ves. XVI, 3). Suavizando um pouco mais a crítica em questão, Suetônio assegura que Vespasiano fora muito liberal com todos os tipos de pessoas: completando a fortuna de senadores, recompensando os consulares em dificuldades, reconstruindo e dotando de melhores condições grande número de cidades do Império, e fomentando os talentos e as Artes (Ves.

XVII, 1).

Encaminhando-se para o final da biografia, Suetônio afirma que a morte de Vespasiano ocorrera durante o seu nono consulado, contando ele sessenta e nove anos de idade, por conta de acessos de febre e uma forte decomposição de ventre (Ves. XXIV, 1). Conforme Suetônio, segundo a opinião geral, Vespasiano era de tal modo seguro em relação ao seu horóscopo e ao de seus familiares que, mesmo sofrendo diversas contestações, teria se atrevido a afirmar perante o Senado romano que os “seus filhos o sucederiam, ou ninguém mais” (Ves. XXV, 1).

Por hora, cabe destacarmos aqui o empenho e trabalho de Suetônio na presente biografia: o autor praticamente construiu em Vespasiano um modelo ideal de príncipe, destacando no comportamento do personagem diversos aspectos positivos. Dentre esses aspectos, o alinhamento e respeito de Vespasiano em relação à tradição política: clemente e sempre conciliador, não teria agido de modo contrário à liberdade senatorial, trazendo a paz de todas as formas possíveis.

O sucessor de Vespasiano foi seu filho mais velho, Tito, personagem que, praticamente, do começo ao fim de sua biografia, recebeu muitos elogios por parte de Suetônio. De acordo com o autor, Tito teria sido o “amor e a delícia do gênero humano”, tendo em vista seu dom natural, habilidade ou mesmo sorte para conquistar a afeição de todos; fora assim, especialmente, durante o seu império, pois quando era um simples particular, e mesmo durante o governo de Vespasiano, não se vira livre do ódio e menos ainda da difamação pública (Tit. I, 1).

Suetônio comenta que, desde a infância, Tito teria se destacado por conta dos seus atributos, físicos e espirituais, os quais foram apenas aumentando conforme se desenvolvia. Tito seria de uma beleza considerável, na qual não se

perceberia menos autoridade que graça; de um vigor extraordinário e de uma memória singular; teria igualmente uma enorme facilidade para aprender quase todas as Artes, civis ou militares (Tit. III, 1). Quanto à carreira pública de Tito, Suetônio destaca que o filho de Vespasiano servira como tribuno militar na Germânia e na Britânia, conseguindo excelente fama de presteza e de moderação; na sequência, teria dedicado suas atividades ao Fórum, de forma mais honrosa que assídua (Tit. IV, 1-2). Posteriormente, logo após o seu exercício como questor, Tito fora colocado à frente de uma legião, atuando na conquista de importantes cidades na Judéia (Tit. IV, 3). Tito conquistou Jerusalém, provocando grande furor de alegria entre seus soldados, os quais, inclusive, nas felicitações, o haviam saudado com o nome de imperador. Tal circunstância, no entanto, conforme Suetônio, alimentara a suspeita de que Tito estaria buscando apenas se desvencilhar de seu pai, reclamando para si o reino do Oriente; rumores, aliás, que o próprio Tito, buscando imediatamente o seu pai, Vespasiano, desmistificara (Tit. V, 2-3).

Desde esse momento, comenta Suetônio, Tito não teria deixado de atuar como partícipe e, inclusive, protetor do Império; exatamente ao lado de Vespasiano, celebrou o triunfo e exerceu a censura, sendo também seu colega no poder tribunicio e em sete consulados; em suma, teria tomado parte de quase todas as tarefas do governo. Porém, de acordo com Suetônio, quando Tito assumiu a Prefeitura do Pretório, ele teria exercido esta função de modo excessivo, brutal e violento, tendo condenado à morte, sem nenhuma hesitação, a todos que lhe parecessem suspeitos. E para além de toda essa crueldade, aponta Suetônio, demonstrava costumes dissolutos, desejos desordenados e uma tendência à rapinagem; em suma, todos à época opinavam e diziam que Tito não passava simplesmente de outro Nero (Tit.

VII, 1).

Porém, na sequência da biografia, as críticas, de negativas, se tornam consideravelmente positivas: Suetônio afirma que a má reputação de Tito acabou virando ao seu favor, dando lugar aos maiores elogios, quando não mais se descobriu nele qualquer vício, mas, pelo contrário, as mais altas virtudes.

São vários os exemplos de comportamento projetados pelo autor em Tito; destacamos aqui a sua relação com a sociedade política. Tito, de acordo com Suetônio, especialmente após ter aceitado o pontificado máximo, não teria mais causado a morte de ninguém e tampouco fora cúmplice de algo do tipo, ainda que não lhe faltassem motivos para se vingar; jurava, nesse sentido, que ele preferia antes morrer a provocar a ruína de alguém.

Reafirmando o aspecto positivo desse último comportamento, Suetônio comenta que certa vez, quando dois patrícios foram considerados culpados de aspirarem ao Principado, Tito teria se limitado a, simplesmente, aconselhá-los a abandonar essa empresa, tendo em vista que o poder imperial seria um presente especial atribuído diretamente a ele; ao mesmo tempo, porém, teria prometido a ambos qualquer outro desejo que tivessem.

Ademais, continua Suetônio, embora o seu próprio irmão não cessasse de conspirar contra ele, sem nenhuma dissimulação, inclusive sublevando exércitos, Tito não teria sido capaz de matá-lo ou renegá-lo, tampouco rebaixá-lo em suas respectivas honras; pelo contrário, pois como teria sempre agido desde o primeiro dia de seu império, Tito continuava declarando Domiciano seu companheiro e sucessor, pedindo a ele, às vezes, quando a sós, que consentisse, finalmente, em corresponder a todo o seu afeto (Tit. IX, 1-3).

Para Suetônio a morte de Tito

veio de modo repentino, causando maior prejuízo para a humanidade do que a ele próprio. Dirigindo-se à região da Sabina, teve um acesso de febre ainda no caminho; neste momento, levantando seus olhos ao céu, queixara-se amargamente de que lhe retiravam a vida sem que merecesse, pois não se arrependia de suas ações (Tit. X, 1). Assim, estando na mesma casa de campo que seu pai, Tito faleceu, aos quarenta e dois anos, após dois anos, dois meses e vinte dias de governo. Quando a notícia de sua morte fora divulgada, comenta Suetônio, todo o mundo teria se lamentado publicamente, tal como se perdessem a um familiar, e o próprio Senado correu à Cúria, antes mesmo de sua convocação através de um édito, para tributar ao falecido demonstrações de gratidão e louvá-lo, de modo não antes visto enquanto o próprio Tito ainda estava vivo (Tit. XI, 1). Dessa forma, em tom ameno, termina a breve narrativa de Suetônio a respeito de vida de Tito, com o autor transparecendo todo o seu pesar e insatisfação pelo decurso dos acontecimentos.

O último dos “Césares” biografados por Suetônio foi Domiciano, também filho de Vespasiano, irmão mais novo de Tito. Na construção biográfica, não foram poucas as críticas realizadas à personalidade de Domiciano. Suetônio, apoiando-se na opinião geral, destaca que Domiciano teria passado a sua adolescência e a juventude em estado de grande pobreza e infâmia (Dom. I, 1).

Domiciano, após a vitória de seu pai, teria exercido o cargo de pretor urbano, com poderes consulares; porém, reitera Suetônio, teria assumido apenas de nome, transferindo tal jurisdição ao seu colega mais próximo; ademais, Domiciano, nessa oportunidade, exercera o “poder absoluto” tão ao seu modo que, desde essa época, dava provas de como seria no futuro (Dom. I, 3). Por este tempo Domiciano empreendera uma expedição contra a Gália e as duas

Germânicas, movimento este que não seria realmente necessário e que os amigos de seu pai desaconselharam; teria desejado isso simplesmente para equiparar-se ao seu irmão em poder e consideração. Por essa atitude, acabou sendo reprimido e obrigado a permanecer próximo ao seu pai, para que não mais se esquecesse de sua idade ou mesmo condição; ademais, acrescenta Suetônio, dos seis consulados exercidos por Domiciano, apenas um teria sido ordinário, e isso porque seu irmão, Tito, lhe teria concedido e prestado apoio (Dom. II, 1).

De acordo com Suetônio, Domiciano teria fingido, de maneira admirável, moderação e uma inclinação para a poesia, a qual logo abandonou com grande desprezo (Dom. II, 2). Quando da morte de seu pai, Domiciano teria chegado a pensar em oferecer um duplo donativo aos soldados; da mesma forma, nunca hesitara em dizer que Vespasiano o teria deixado como partícipe do poder imperial, na forma de coerdeiro, mas que seu testamento havia sido falsificado. Desse momento em diante, conforme Suetônio, Domiciano teria sempre conspirado contra o seu irmão, seja em segredo ou abertamente; e quando, enfim, Tito caiu enfermo, ordenou que o considerassem por morto antes mesmo do momento em si, não atribuindo ao falecido honra alguma, senão a apoteose; inclusive, sempre o difamava em discursos e éditos repletos de indiretas (Dom. II, 3).

No que se refere à administração do Império, Suetônio afirma que Domiciano teria se demonstrado inconstante por um tempo, mesclando, ao mesmo tempo e igualmente, vícios e virtudes; isso até o momento em que, inclusive, essas virtudes se degeneraram em vícios. Para Suetônio, na medida do que se torna possível conjecturar, a despeito de todas as disposições naturais de Domiciano, a necessidade o teria tornado rapace, enquanto que o temor, cruel (Dom. III,

2). A princípio, indica a narrativa, não se poderia suspeitar que Domiciano fosse uma pessoa avarenta, seja quando era um simples particular ou depois como imperador; pelo contrário: teria dado provas de grande liberalidade, tratando com generosidade todos aqueles ao seu entorno, e aconselhando sempre a evitarem qualquer tipo de atuação mesquinha (Dom. XI, 1-2).

Porém, comenta Suetônio, Domiciano não conseguira manter essa trajetória de clemência e integridade, pelo contrário: moveu-se em direção à avareza e, ainda mais rapidamente, à crueldade; dentre os vários que sentenciou à morte, teria ordenado a execução de muitos senadores, dentre os quais, inclusive, se encontrariam ex-cônsules; e, na maioria das vezes, por motivos completamente fúteis, acrescenta Suetônio (Dom. X, 1-2). O autor, realmente, não poupa exemplos em sua narrativa a respeito de importantes membros da sociedade romana que acabaram sofrendo a morte nas mãos de Domiciano. De fato, conforme Suetônio, a crueldade de Domiciano cresceu muito após a sua vitória na guerra civil⁵, com ele aplicando terríveis métodos de tortura aos membros do partido contrário, de modo a continuar buscando os cúmplices ainda ocultos da sublevação (Dom. X, 5). Ademais, a crueldade de Domiciano não seria apenas grande, mas também sutil e imprevisível; abusava descaradamente da paciência de todos: sempre antes de pronunciar uma sentença inexorável, comenta Suetônio, o príncipe realizava um discurso a favor da clemência, de modo que este início benévolo tornava-se o indício mais seguro de que, na sequência, ele ditaria uma morte cruel (Dom. XI, 1-2).

Continuando no ritmo de suas críticas, Suetônio comenta que Domiciano, tendo desembolsado grande

quantidade de dinheiro para as suas construções, espetáculos e pagamentos extras aos soldados, se encontrou em sérios apuros financeiros; não possuindo outras saídas, recorreu sem nenhuma medida a todo tipo de rapinagem (Dom. XII, 1). Desde a sua juventude, teria demonstrado um caráter extremamente soberbo, chegando inclusive a ser insolente, não guardando em absoluto o menor comedimento em seus atos e palavras (Dom. XII, 3). Suetônio também relembra que Domiciano, quando chegou ao Principado, não teria hesitado em declarar, perante o Senado, que ele próprio havia dado o império ao seu pai e irmão, e que os dois simplesmente o tinham devolvido (Dom. XII, 1). Quando readmitiu a sua mulher após o divórcio, continua a narrativa, Domiciano teria dito que ela estava voltando ao “leito divino” (Dom. XII, 1). E pior, quando ditou uma circular em nome de seus procuradores, Domiciano teria começado da seguinte forma: “Nosso senhor e deus ordena que se faça o seguinte”. De acordo com Suetônio, a partir de então, ficara estabelecido que ninguém mais o chamasse de outra maneira, nem por escrito, nem durante qualquer conversa (Dom. XIII, 2).

Domiciano, temido e odiado por todos graças a sua conduta, tornou-se vítima de uma conspiração planejada por seus amigos e libertos mais íntimos, e na qual participara sua própria mulher, reitera Suetônio (Dom. XIV, 1). Segundo o autor, o príncipe sempre viveu repleto de temor e angústia, e até mesmo as mínimas suspeitas conseguiam alterar o seu comportamento (Dom. XIV, 2). Receoso pelos vários presságios de sua morte, mas sempre confiante de que nada lhe aconteceria, Domiciano fora assassinado em seu quarto (Dom. XVI, 2). Morreu aos quarenta e cinco anos de idade, no décimo quinto ano de seu governo (Dom. XVII, 3).

Encaminhando-se para o desfecho da biografia, Suetônio aponta

⁵ Domiciano sendo vitorioso sob a tentativa de sublevação por parte do governador da Germânia.

que Domiciano costumava dizer que a condição de príncipe não era das melhores, pois quando estes afirmavam terem descoberto uma conspiração, não se acreditava neles, exceto quando suas vidas fossem retiradas (Dom. XXI, 1). De acordo com Suetônio, o povo teria recebido com indiferença a notícia do assassinato de Domiciano; no entanto, aos soldados esse acontecimento causou enorme indignação e alvoroço, de tal forma que eles desejaram atribuir ao falecido o título de “divino”; o teriam vingado também, caso não carecessem naquele momento de líderes; parcialmente conseguiram, comenta Suetônio, tendo em vista a cobrança insistente pela execução dos assassinos (Dom. XXIII, 2). Os senadores, pelo contrário, se alegraram muito diante da notícia: correram em direção à Cúria, onde não pouparam o falecido dos mais ultrajantes e cruéis insultos; após derrubarem suas imagens e símbolos, decretaram que as inscrições de Domiciano fossem apagadas por todos os lugares, enquanto que a sua memória, destruída (Dom. XXIII, 2). Suetônio, concluindo, comenta que poucos meses antes do assassinato, um corvo teria pousado no Capitólio, e exclamado: “Tudo irá bem”; algo que muitos teriam interpretado na forma de um presságio, não presente, mas sim futuro, de bem estar. O próprio Domiciano teria sonhado que lhe saía por detrás do pescoço um tumor de ouro, vendo nesse fato um presságio de que, após ele, a condição do Império seria consideravelmente mais feliz e próspera. De acordo com Suetônio, de fato, logo em breve isso aconteceria mesmo, devido à integridade e à moderação dos imperadores que o sucederam no governo (Dom. XXIII, 2).

Desde modo, Suetônio chega ao final de sua obra exclamando o péssimo exemplo de Domiciano. No efeito da construção narrativa, o próprio Domiciano suspeita e também indica aos leitores que, após a sua morte, tudo seria

muito melhor. Trata-se de uma expectativa positiva projetada em relação ao futuro, ou melhor, a época de Suetônio.

No que podemos considerar a partir dessa constatação, Suetônio praticamente consente dos “bons momentos” vividos durante os principados de Nerva e Trajano. Porém, e quanto ao tempo de Adriano? Seria ele também parte dessa trajetória positiva? Façamos, neste momento, uma reflexão a respeito.

Por meio de sua obra, na qual se revelava a sua crítica moral, Suetônio apresentava ao ambiente social o seu pensamento político. E como podemos analisar no trabalho do autor com a dinastia flaviana, no comportamento projetado em relação aos príncipes Vespasiano, Tito e Domiciano, Suetônio estabeleceu exemplos positivos e negativos de conduta em relação a cada um deles.

Especialmente, o autor destaca a necessidade por parte do príncipe de manter a estrutura e o espírito republicanos; ou seja, ele precisaria respeitar e proteger a liberdade política do grupo senatorial. Ao príncipe exemplar, no que demonstra a narrativa do autor, não caberia, independente do pretexto, um comportamento exagerado, violento, de represálias e ordens de assassinato. A prática da moderação e da clemência seriam exercícios fundamentais para o estabelecimento de uma ordem da concórdia na sociedade. Enquanto Vespasiano e Tito se destacaram por isso, Domiciano surge como o oposto. Sua ambição desenfreada pelo poder antecipava a crueldade de suas ações no futuro, com ele assumindo a posição de “senhor” no universo político, exercendo um poder absoluto⁶. Ademais, não

⁶ Para Paul Veyne (2008, p.2), trata-se da "célebre aversão dos romanos à palavra 'rei': os romanos não eram escravos de um senhor, ao contrário dos povos gregos e orientais que conquistaram".

respeitou ou poupou a sociedade política.

Suetônio, por meio dessa mensagem, indicava ao príncipe do momento, Adriano, as atitudes mais adequadas em relação ao príncipe romano. Segundo as narrativas da **História de Roma**, de Cássio Dio (século III), e **História Augusta** (século IV), temos fortes indicativos de que Adriano, quando ascendeu ao poder em 117 d.C., teria ainda ordenado o assassinato de vários dos “melhores homens” do início (Cass. Dio, 2.5) ao fim de seu governo (Cass. Dio, 17.2 ; Hist. Aug. Ha., 7.1-3), acusando todos eles de conspiração⁷. Ações, aliás, caracterizadas como injustas e impiedosas (Cass. Dio, 23.2), pois coagiam os membros da sociedade política (Hist. Aug., Ha., 23.8). Com essas informações em mente, podemos aqui compreender e sugerir a inteligibilidade da obra de Suetônio em seu tempo. Trata-se, portanto, de uma intervenção, do ponto de vista intelectual, do autor. Alinhando aos referenciais morais do grupo senatorial, Suetônio não deixava de apresentar a Adriano, o príncipe em ascensão, qual seria a conduta mais correta da parte dele. Este deveria evitar o confronto com os melhores, com os senadores, aproximando-se da imagem de Vespasiano, de Tito; caso contrário, se insistisse nas agressões, seria igualado aos péssimos exemplos do passado, como foi o caso de Domiciano.

Referências

BRAVO, Gonzalo. **Historia del mundo antiguo**: una introducción crítica. Madrid: Alianza Editorial, 1998.

FRIGHETTO, Renan. Algumas considerações: o

poder político na Antiguidade Clássica e na Antiguidade Tardia. **Stylos**, v. 13, p. 37-47, 2004

GRANT, Michael. **History of Rome**. New York: History Book Club, 1997

GRIMAL, Pierre. **O Império Romano**. Lisboa: Edições 70, 1993.

VEYNE, Paul. **O império grego-romano**. Rio de Janeiro: Campus Editora, 2008.

Fontes

DIO CASSIUS. **Dio's Roman History**. Vol. I. The Loeb Classical Library. London: W. Heinemann; New York: The Macmillan Co., 1917.

Scriptores Historiae Augustae. Trad. David Magie. v.1. The Loeb Classical Library. Cambridge: Harvard University Press, 1991.

Suetonius. Trad. C. Rolfe. 2 vols. The Loeb Classical Library. London: W. Heinemann; New York: The Macmillan Co., 1998.

⁷ Conforme Renan Frighetto (2004, p.38), “as fontes clássicas romanas referem-se aos membros do senado romano como *senatores*, *patricii*, *potentes*, *boni*, termos que denotam uma superioridade política sobre o restante do corpo de cidadania, mas que também indicam uma supremacia social e cultural referendada pela ‘tradição ancestral’, definida pelos romanos como o *mos maiorum*”.